

Carta à SBF

Niterói, 22 de setembro de 2020

Eu assisti à palestra “Pode-se conciliar Física e Religião?” do Prof. Marcelo Gleiser, alguns dias depois da sua realização, na elogiável série “Física ao Vivo”, e tenho alguns comentários a respeito que julgo pertinentes.

O Prof. Gleiser faz questão de alardear que é o primeiro agnóstico a receber o Prêmio Templeton, o que soa como uma postura defensiva. O nome completo do prêmio é “Templeton Prize for Progress in Religion”, como se pode verificar na página da Templeton Foundation na internet. Não há margem para dúvida, o prêmio é concedido a quem promove a religião, a quem contribui para o progresso da religião. Vale acrescentar que, além do prêmio, a Templeton Foundation financia um programa geral de “pesquisa” nas seguintes áreas de concentração: (a) utilização de métodos científicos para compreender a obra e o propósito do criador; (b) estudar ou estimular o progresso da religião; (c) pesquisa sobre os benefícios da religião. Na apresentação do Prof. Gleiser, além da justa menção a diversos prêmios acadêmicos com os quais ele foi agraciado, foi dado particular destaque ao fato de ele ter sido o primeiro físico da América Latina a receber o Prêmio Templeton, dando a entender que a SBF avaliza um prêmio sem qualquer valor científico, porém de vultoso valor monetário.

O que o Prof. Gleiser chama de “ateísmo radical” é simplesmente a atitude cética que é essencial para o avanço da ciência, e que, na verdade, é a conduta de bom senso que se deve ter na vida cotidiana em relação a qualquer coisa de cuja existência não se tenha qualquer indício. Aliás, ele usa “radical” como algo negativo, pejorativo, para desqualificar a priori a posição que ele supostamente combate (mais abaixo eu argumento que ele combate outra coisa). Ele parece confundir “eu não acredito em Deus” com “eu posso ou é possível provar que Deus não existe”. Richard Dawkins, que ele certamente classifica como um ateu radical, nunca disse categoricamente “Deus não existe”. No seu livro “The God Delusion”, ele se define como alguém que considera que a probabilidade da existência de Deus é muito pequena, mas não é zero: “I cannot know for certain but I think God is very improbable, and I live my life on the assumption that he is not there.”

Embaraçosamente, o Prof. Gleiser inverte o ônus da prova o tempo todo. Ora, quem afirma a existência de Deus é que deve provar sua assertiva ou apresentar evidências de sua veracidade. Isto se aplica à afirmação da existência de qualquer coisa, por que Deus seria uma exceção? No entanto, ele dá a entender que cabe a quem não acredita em Deus provar sua inexistência. Com base nessa linha de raciocínio, deveríamos acreditar em unicórnios e centauros, porque é impossível provar que eles não existem. Imagine-se guiando sua vida pela crença em qualquer coisa cuja inexistência não pode ser provada. Ele reconhece que não há evidências da existência de Deus, mas induz a crer que as hipóteses de existência e de inexistência devem ser tratadas como igualmente prováveis, e advoga que esta é a postura verdadeiramente científica. Ele argumenta que não é possível provar a afirmação “só existe matéria” pelas ciências naturais. Claro que não, dificilmente algo pode ser provado, no sentido matemático do termo, por qualquer teoria científica, que é necessariamente incompleta e provisória. Mesmo na matemática, só é possível provar asserções a partir de um certo conjunto de postulados ou axiomas, que são admitidos como verdadeiros sem demonstração. Quem assevera a existência de algo além da matéria é que deve apresentar as evidências correspondentes. Na ausência de indícios da existência de um domínio extramaterial, a atitude científica é se comportar como se tal domínio não existisse. Desconcertantemente, ele se contradiz ao afirmar que adota uma posição materialista para em seguida declará-la insustentável.

A lógica elaborada por ele seduz a pensar que asserções como “calor não pode ser convertido completamente em outras formas de energia” e “calor pode ser convertido completamente em outras formas de energia” deveriam ser consideradas igualmente válidas, igualmente plausíveis, uma vez

que não se pode provar a primeira asserção por constituir uma das formulações da segunda lei da termodinâmica, que é admitida como um postulado. Nessa linha, ele dá a entender que as suposições de que o sobrenatural existe ou não existe são igualmente válidas, igualmente razoáveis, e que um ateu deve se abster de dizer claramente o que pensa para não “ofender” os crentes. Assim, ele põe a religião num patamar inalcançável pela crítica, diferentemente de qualquer outra crença ou teoria, como, por exemplo, a astrologia. Sua recomendação de que as religiões e crenças religiosas não sejam confrontadas pelos cétricos, porque isto seria ofensivo às religiões e aos crentes, soa como música aos ouvidos dos líderes das religiões organizadas, e não foi à toa que ele ganhou o Prêmio Templeton.

O cerne da sua argumentação contra o ateísmo se baseia no ataque a um “straw man”, uma proposição distorcida que é fácil de rebater mas não é o verdadeiro argumento do seu oponente. Ele combate os ateus que afirmam categoricamente que Deus não existe. Esses ateus, se existem, são uma ínfima minoria no conjunto dos ateus. Portanto, os argumentos do Prof. Gleiser visam atingir um alvo virtualmente inexistente, e passam ao largo da posição e dos argumentos da vasta maioria dos ateus. Com raríssimas exceções, não são os ateus que afirmam categoricamente que Deus não existe, mas, ao contrário, são os religiosos que afirmam categoricamente que Deus existe. Fazendo vista grossa a este fato, ele parece exigir dos ateus uma prova da inexistência de Deus, mas não cobra dos religiosos uma prova da existência de Deus. Seu discurso é perpassado por uma atitude severa com os cientistas e leniente com os religiosos. Ele professa um agnosticismo deveras peculiar, enviesado a favor da religião.

Enquanto enfatiza que a ciência não explica tudo, um fato óbvio, o Prof. Gleiser deixa no ar a insinuação de que a religião talvez possa oferecer respostas para perguntas que a ciência não sabe responder. No entanto, ele nunca explica que respostas poderiam ser essas, se seriam testáveis, nem como conciliar respostas contraditórias dadas pelas centenas, possivelmente milhares, de religiões distintas.

Sua argumentação deixa de lado uma diferença crucial entre ciência e religião. Ele reconhece que a ciência é baseada no empenho dos cientistas em construir teorias testáveis sobre o funcionamento do mundo e que, se falha num teste experimental, uma teoria acaba sendo substituída por outra mais abrangente, que passa no teste e faz novas previsões testáveis. Entretanto, ele omite que as religiões são baseadas em supostas revelações divinas, inverificáveis, e nenhum de seus dogmas é testável. Portanto, ciência e religião são fundamentalmente incompatíveis. Alguma religião já teve pelo menos um de seus dogmas ou preceitos alterado por causa de uma evidência empírica? Até 2007, fazia parte da doutrina católica o limbo, lugar para onde iriam os bebês que morriam sem ter sido batizados. A eliminação do limbo da doutrina católica foi fruto de alguma evidência experimental? Claro que não: uma comissão de teólogos recomendou e o Papa decretou o fim do limbo porque constituiria uma “visão excessivamente restritiva da salvação”.

Como o tema da relação entre ciência e religião é controverso, entendo que deveria ter sido promovido um debate entre o Prof. Gleiser e alguém com posição discrepante da dele. Infelizmente, a meu juízo, a SBF prestou involuntariamente um desserviço à ciência brasileira ao patrocinar a palestra do Prof. Marcelo Gleiser nos moldes em que foi organizada.

Atenciosamente,



Nivaldo A. Lemos
Departamento de Física
Universidade Federal Fluminense